

© VITORINO CORAGEM

Consonâncias V

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

QUELUZ 7 NOV 19H
PALÁCIO NACIONAL DE QUELUZ

opart
ORGANISMO
DE PRODUÇÃO
ARTÍSTICA, EPE

TNSC
TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

SET-DEZ 2025

São Carlos em andamento

Palácio Nacional de Queluz
7 de novembro de 2025, às 19h

Consonâncias V

Apresentação do concerto pelo musicólogo Nuno Raimundo

Max Bruch (1838-1920)

Concerto para clarinete, viola e orquestra, Op. 88

I. Andante con moto

II. Allegro moderato

III. Allegro molto

Giuseppe Martucci (1856-1909)

La canzone dei ricordi, Poemetto lirico — versão para voz e orquestra

I. Andantino (No... svaniti non sono i sogni)

II. Allegretto con moto (Cantava il ruscello)

III. Andantino. Allegro giusto (Fior di ginestra)

IV. Allegretto con moto (Su'l mar la navicella)

V. Andante (Un vago mormorio)

VI. Andantino con moto. Allegro Agitato (A'l folto bosco)

VII. Andantino (No... svaniti non sono i sogni)

Soprano Dora Rodrigues
Clarinete Cândida Oliveira
Viola Pedro Saglimbeni Muñoz
Direção Musical Antonio Pirolli
Orquestra Sinfónica Portuguesa

Duração aproximada 40 minutos

A persistência da melodia

Na transição para o século XX, o meio musical ocidental atravessou um período de grandes inquietações e transformações que abalaram os alicerces teóricos e compositivos da sua já consagrada tradição. Ao desafiar os limites do sistema tonal-harmônico clássico, o pós-romantismo de Strauss e Mahler abriu caminho para a ruptura que haveria de ser concretizada por pioneiros como Schönberg e Stravinski que, desenvolvendo conceitos e técnicas altamente inovadores, romperam radicalmente com as categorias convencionais, inaugurando o modernismo na música.

No meio desta agitação houve, porém, quem resistisse ao ímpeto revolucionário e se mantivesse fiel aos princípios românticos de condução melódica, clareza formal e impacto emocional. Entre estes últimos grandes cultores do romantismo, destacam-se as figuras de Max Bruch e Giuseppe Martucci. Ofuscados pelos seus contemporâneos vanguardistas, são amiúde relegados para um plano de fundo na narrativa histórica dominante; contudo, as obras que iremos escutar neste concerto demonstram uma qualidade estética de pleno direito, provando o mérito artístico dos seus autores e constituindo um eloquente testemunho da persistência da beleza de expressão romântica.

Max Bruch (1838-1920), que começou a compor aos nove anos, alcançou um êxito precoce com o célebre *Concerto para violino n.º 1*, que lhe garantiu fama internacional em 1868. Apesar do seu sucesso inicial, porém, a reputação de Bruch sofreu com o advento do modernismo. Admirador convicto de Mendelssohn e Schumann, opunha-se aos excessos estilístico-conceituais de Wagner e Liszt e às experimentações modernistas dos jovens Strauss e Schönberg, criticando o que considerava a destruição da pureza da forma e da substância musical. Progressivamente desfasado das tendências dos seus contemporâneos, Bruch mostrou-se um inabalável paladino dos ideais românticos estabelecidos na geração anterior, preservando até ao final da vida a convicção de que a melodia era «a alma da música».

Disso é testemunho o *Concerto para clarinete, viola e orquestra*, uma das últimas obras de Bruch, composta já aos 73 anos, num período em que o modernismo se começava a instalar

firmemente. Estreado em 1912, no mesmo ano do melodrama atonal *Pierrot lunaire* de Schönberg e apenas um ano antes de *A Sagração da Primavera* de Stravinski, o concerto de Bruch, com a sua linguagem musical conservadora, marca um clamoroso e simbólico contraste com aquelas obras, admitindo uma leitura contra-revolucionária.

O concerto foi composto e dedicado ao seu filho clarinetista Max Felix Bruch e ao seu amigo violetista Willy Hess. A escolha destes instrumentos como cossolistas é inusitada, mas Bruch, tirando partido dos seus timbres quentes, concebe habilmente a sua interação como um diálogo íntimo entre vozes pares, em vez de um exercício de virtuosismo, produzindo assim uma textura equilibrada e serena, de grande expressividade lírica. A obra desenvolve-se em três andamentos, cerzidos por um motivo baseado numa canção popular sueca, que funciona como fio condutor, reforçando a coesão estrutural. Bruch preparou também uma versão alternativa para violino e viola e uma redução de orquestra para piano, que permite a execução da obra em contexto de música de câmara, revelando não só um sentido prático, mas também o desejo de a tornar acessível a diferentes formações.

Publicada somente 30 anos após a sua estreia, esta obra permaneceu na penumbra durante décadas; atualmente, porém, é reconhecida como um dos exemplos mais consistentes da capacidade de Bruch em aliar elegância lírica, riqueza harmónica e intimidade expressiva, e como um dos derradeiros bastiões do romantismo tradicional face à crescente maré modernista.

Diferentemente de Bruch, as motivações que levaram o pianista, maestro e compositor Giuseppe Martucci (1856-1909) a ancorar a sua música nos princípios românticos derivavam de uma vontade de mudança do panorama musical do seu país. Com efeito, a sua principal demanda era reabilitar a música instrumental em Itália e quebrar a hegemonia da ópera verdiana. Para esse efeito, Martucci dedicou boa parte da sua carreira à divulgação de repertório sinfónico do romantismo alemão, apresentando ao público italiano obras de Schumann e Brahms, que exerceriam uma influência marcante na sua linguagem compositiva. Além disso, Martucci mostrava-se mais recetivo às experimentações wagnerianas – dirigiu, em 1888, a primeira execução italiana de *Tristan und Isolde* de Wagner e, de igual modo, acolheu algumas das inovações harmónicas deste compositor na sua obra. Também o seu virtuosismo como

intérprete foi elogiado por Liszt e Rubinstein, e a sua direção orquestral mereceu a apreciação de Richard Strauss. Após a morte prematura de Martucci, a sua visão de uma escola instrumental e sinfónica italiana foi prosseguida e desenvolvida pelo seu aluno Ottorino Respighi – que, por sinal, contactara com Bruch e com a tradição alemã numa estadia em Berlim.

Composta em 1887 para voz e piano e orquestrada em 1899, *La canzone dei ricordi* («A canção das lembranças») constitui o primeiro ciclo orquestral de relevo na música italiana. Baseada em sete poemas de Rocco Pagliara, a obra desenrola-se como reflexão melancólica sobre a passagem do tempo e a memória de um amor perdido, com grande intimidade e profundidade emocionais, devedoras do espírito romântico do *lied* alemão. Nas primeiras peças, a lembrança amorosa é musicada com ternura, evocando por vezes uma graciosidade e uma inocência bucólicas; já a sexta canção apresenta um carácter mais sombrio e doloroso. O ciclo encerra-se com uma canção que, retomando material musical precedente, sublinha os sentimentos de nostalgia expressos no texto poético.

Com esta obra, Martucci revela o seu domínio sobre a escrita orquestral, aliando subtilmente a textura instrumental à voz cantada e evitando, assim, enquadrar a cantora como uma protagonista operática. O equilíbrio formal brahmsiano e a riqueza harmónica e cromática de influência wagneriana são habilmente conjugadas com o fraseado melódico fluido e natural da voz, próprio da tradição do *belcanto*, numa síntese exímia entre o lirismo italiano e a coesão germânica.

Nuno de Mendonça Raimundo
Musicólogo

Max Bruch

(1838-1920)





Giuseppe Martucci

(1856-1909)



La canzone dei ricordi

I.

*No... svaniti non sono i sogni,
e cedo,
e m'abbandono a le carezze loro:
chiudo li occhi pensosi e ti rivedo
come in un nimbo di faville d'oro!*

*Tu mi soridi amabilmente, e chiedo
de' lunghi affanni miei gentil ristoro!
A le dolci lusinghe ancora io credo
a' ricantar de le speranze in coro.*

*Ecco... io tendo le mani! ecco a' rapito
pensier
già tutto esulta, e un vivo foco
di sospir, di desio corre le vene!*

*Ma... tu passi ne l'aere, a' par di lene
nuvola dileguante a poco a poco,
per lontano orizzonte ... indefinito!*

II.

*Cantava'l ruscello la gaia canzone,
cantavano i rami la festa d'aprile.
O primavera, o fulgida stagione,
o bel tempo gentile!*

*Vagavan pe'l cielo falene lucenti,
vagavan su' prati, libando ogni fiore.
O primavera, o giorni sorridenti,
o bel tempo d'amore!*

*Avea carezze d'aliti ogni sentiero;
s'intrecciavano i cespi innamorati.*

A canção das lembranças

I.

Não... os sonhos não se desvaneceram,
e eu cedo,
abandono-me às suas carícias:
fecho os olhos pensativos e revejo-te
como num halo de fulgurações de oiro!

Sorris-me ternamente e eu imploro
para meu longo penar terno alívio!
Nos doces afagos creio ainda
no recantar das esperanças em coro.

Eis que estendo as mãos! Eis que a tal
pensamento arrebatador
tudo em mim exulta e um vivo fogo
de suspiros, de desejo, me corre nas veias!

Mas... tu passas no ar, tal nuvem
ligeira que aos poucos se dilui
no distante horizonte... indefinido!

II.

Cantava o regato a alegre canção,
cantava a ramaria a festa de abril.
Ó primavera, ó radiosa estação,
ó belo tempo ameno!

Vagueavam no céu borboletas cintilantes,
vagueavam pelos prados, fruindo cada flor.
Ó primavera, ó dias sorridentes.
Ó belo tempo do amor!

Havia carícias de suspiros em cada vereda;
enlaçavam-se as ramagens enamoradas.

*Oh... la pace fedel de la foresta!
Oh... il soave mistero!*

*Sovra'l mio volto palido,
sopra la bruna testa,
candidi e profumati,
come nembo divino,
pioveano i petali de'l bianco spino!*

*Cantava'l ruscello la gaia canzone,
cantavan fra'rami melodiche voci.
O primavera, o rapida stagione,
o rei giorni veloci!*

III.

- A *Fior di ginestra,
io sono lo scolar, voi la maestra.
Guardandovi ne'l volto tutto imparo:
voi la maestra siete, io lo scolaro!*
- B *Così dicea la dolce serenata,
così dicea la serenata mesta...
Dunque, su'l volto mio,
imparasti l'oblio?*
- A *Fior di viola,
sconsolata fra tutte è un'alma sola:
su'l suo sentier non brilla amor né
speme.
Vogliamo, o bella, far la strada insieme?*
- B *Così dicea la dolce serenata,
così dicea la serenata mesta...*
- A *Vogliamo, o bella, far la strada insieme?*
- B *Ed ora... ove sei tu?
Vedi, son sola!
e piango, e piango, e piango!*

Oh... a fiel paz da floresta!
Oh... o suave mistério!

Sobre o meu pálido rosto,
sobre a cabeça escura,
alvas e perfumadas,
tal uma nuvem divina,
choviam as pétalas da roseira branca!

Cantava o regato a alegre canção,
cantavam na ramaria melodiosas vozes.
Ó primavera, ó breve estação,
ó cruéis dias tão fugazes!

III.

- A Flor de giesta,
sou o aprendiz, vós minha mestra.
Olhando-vos no rosto tudo aprendo:
vós sois a mestra, eu o aprendiz!
- B Assim dizia a doce serenata,
assim dizia a triste serenata...
Então, no meu rosto,
aprendeste o esquecimento?
- A Flor da violeta,
inconsolável entre todas é uma alma sozinha:
No seu caminho não brilha nem amor nem
esperança.
Fazemos, minha bela, juntos essa estrada?
- B Assim dizia a doce serenata,
assim dizia a triste serenata...
- A Fazemos, minha bela, juntos esse caminho?
- B E agora... onde estás tu?
Vê, estou só!
E choro, e choro, e choro!

IV.

*Su'l mar la navicella,
vaga conchiglia nera,
fuggía, leggera e snella,
per la tranquilla sera.
parea, come sospinta
da l'ala de'l disío,
e l'anima era vinta
da un infinito oblio.
Su'l nostro capo'l volo de li alcioni
e l'aleggiar de le brezze serene;
e mormoravan languide canzoni,
a' flutti in sen, fantastiche sirene.
Più vivo, in ogni stella,
c'era un folgore arcano:
fuggía la navicella,
su'l mar, lontan, lontano...*

V.

*Un vago mormório mi giunge: muta,
rimango ad origliare, e'l cor tremante
una dolce speranza risaluta.
Ahi, mi par di vederlo a me d'innate!
Ma'l mormório che m'ha portato'l vento
è sussurro di rami e non d'amor!
Svanito è già l'inganno d'un momento:
torno a piangere ancor!*

*Lambisce'l capo mio gentil carezza,
e mi riscote e turba i sensi miei:
de la sua man la tepida dolcezza
parmi sentir, come ne' giorni bei.
Ma l'aleggiar che'l crine m'a sfiorato
è carezza d'auretta e non d'amor!
L'inganno d'un istante è dileguato:
torno a piangere ancor!...*

IV.

Pelo mar a barquinha,
vaga concha escura,
fugia, leve e ágil,
na tarde tranquila.
Parecia que levada
pelas asas do desejo,
e a alma dominada
por infinito esquecimento.
Por cima de nós o voo das gaiotas
e brisas serenas pairando;
e murmuravam lânguidas canções,
no seio das ondas, sereias prodigiosas.
Mais vivo, em cada estrela,
havia um fulgor misterioso:
fugia a barquinha,
pelo mar, ao longe, muito longe...

V.

Um vago murmúrio chega até mim: muda,
fico à escuta e no coração tremente
uma doce esperança renasce:
Ai, parece-me vê-lo diante de mim!
Mas o murmúrio que me trouxe o vento
é sussurro de ramos, não de amor!
Desfez-se já o engano de um momento:
de novo volto a chorar!...

Aflora-me a cabeça uma suave carícia,
que me desperta e me turba os sentidos:
parece-me sentir a tépida doçura
da sua mão, como nos belos dias.
Mas o afago que me tocou os cabelos
é carícia da brisa, não de amor!
O engano de um instante dissipou-se:
de novo volto a chorar!...

VI.

*A'l folto bosco, placida ombria,
ove sciogliemmo l'inno d'amore,
sempre ritorna l'anima mia,
triste, languente, ne'l suo dolore!
Ahi... più fedeli, forse,
le fronde serbano l'eco de' miei sospiri:
ancor, fra'rami, forse,
s'asconde la nota estrema de' miei deliri!*

*O dolce notte, o pallide stelle
misteriose,
o profumi de l'aria! o malía de le rose!
Voi mi turbaste l'anima, col vostro
influsso arcano,
di novi desiderii in un tumulto strano!
Voi, ne' silenzi estatici di mite
alba lunar,
voi mi faceste piangere, voi mi faceste
amar!*

*Occhi profondi e mistici che vencer mi
sapeste,
chi vi compose il fascino de la pupille
meste?
Ne'l petto ancor mi tremano le vostre
flamme ardeni;
v'ascolto ancora, o languidi sospiri, o
caldi accenti!
Ah! voi, ne l'incantesimo di bianca
alba lunar,
voi mi faceste piangere, voi mi faceste
amar!*

VI.

Ao denso bosque, à plácida sombra,
onde soltámos o hino do amor
sempre regressa a minha alma,
triste, langorosa, na sua dor!
Ai... mais fiel, talvez, a folhagem
guarde o eco dos meus suspiros:
talvez, entre a ramagem, se esconda
ainda a última nota dos meus delírios!

Ó doce noite, ó pálidas estrelas
misteriosas,
ó perfumes do ar! Ó feitiço das rosas!
Com vosso secreto poder, turbastes-me
a alma,
com novos desejos num estranho tumulto!
Vós, nos silêncios extáticos de
suave alva lunar,
vós fizestes-me chorar, fizestes-me
amar!

Olhos profundos e místicos que soubestes
vencer-me,
quem vos concedeu o fascínio dessas
pupilas chorasas?
No peito ainda me tremem as vossas
chamas ardentes;
ouço-vos ainda, ó lânguidos suspiros, ó
cálidas vozes!
Ah, vós, no encantamento do branco
alvorecer lunar,
vós fizestes-me chorar, fizestes-me
amar!

VII.

*No... svaniti non sono i sogni,
e cedo
e m'abbandono a le tristezze loro:
chiudo li occhi pensosi, e ti rivedo
come in un nimbo di faville d'oro...*

*Ma tu passi ne l'aere ...
... diluante...
per lontano orizzonte indefinito!*

VII.

Não... os sonhos não se desvaneceram,
e eu cedo,
abandono-me às suas mágoas:
fecho os olhos pensativos e revejo-te
como num halo de fulgurações de oiro!

Mas... tu passas no ar...
... diluindo-te...
no distante horizonte indefinido!

Tradução de José Lima



© DR

Dora Rodrigues

Soprano

Fez a sua formação em Portugal, França, Itália e Espanha. Posteriormente, instalou-se em Inglaterra para integrar o European Opera Center. Apresentou-se em palcos como: Teatro Nacional de São Carlos; Teatro Real de Madrid; Teatro de la Maestranza em Sevilha; St David's Hall (País de Gales); Casa da Música; Liverpool Hope University; Teatro Aberto; Cornucópia; Fundação Gulbenkian; Pavillon des Arts de Ste-Adèle; Salle Claude Champagne (Canadá); Kastel De Clee (Bélgica), Teatro Buonomore (Florença); Opera Narodowa (Varsóvia); St John's Smith Square (Londres). E com grandes nomes como Josep Carreras, Graham Vick, Eva Marton, Tony Servillo e Robert Wilson. Gravações discográficas incluem, entre outras: *D. Chisciotte Garcia/Almaviva*; Royal Liverpool Philharmonic *Il segreto di Susanna* Wolf-Ferrari/Avie Records; European Union Youth Orchestra/*The Classical Recording Company*; *Opera Premium*/Universal Music; *Compositores do Porto do Séc. XX*/Fermata; *Caprichos*/Arctway Records/L'Effetto Ensemble, com Rui Gama, distinguido com dois Global Music Awards nos Estados Unidos; *Silver Best Classic Cd* e *Silver Best Duo*, e no concurso Music And Stars Awards 2023 com a *Gold Star* para Best Duo. Foi distinguida com o Prémio «Ribeiro da Fonte».



© DR

Cândida Oliveira

Clarinete

É clarinetista na Orquestra Sinfónica Portuguesa, integrando o naipe desde 2015. Licenciada pela ESMAE, mestre pela Universidade de Aveiro e com o título de especialista pelo Instituto Politécnico de Castelo Branco, foi premiada em concursos como o Prémio Jovens Músicos e Internacional Clarinet Association. Apresenta-se regularmente a solo e em música de câmara, destacando-se projetos como o Quarteto Assai, ClapDuo, Ensemble Darcos e Melleo Harmonia. É artista Selmer e Vandoren desde 2011.



© DR

Pedro Saglimbeni Muñoz

Viola

Nasceu na Venezuela, com formação no Sistema Orquestral Venezuelano. Prosseguiu os seus estudos na Alemanha e, na Polónia, na European Mozart Academy (Cracóvia). No âmbito orquestral, exerceu o cargo de viola principal na Orquestra Sinfónica de Lara, na Filarmónica Rhodanien (França), na Orquestra do Norte, tendo sido convidado na Orquestra Gulbenkian, na Orquestra Nacional do Porto e na Brussels Philarmomic. Em música de câmara, apresentou-se em diversos países, incluindo Argentina, Chile, Colômbia, Costa Rica, Espanha, França, Itália, Alemanha, Noruega, Bélgica, Polónia, Hungria, República Checa e Inglaterra. Atualmente, é viola principal da Orquestra Sinfónica Portuguesa desde 1996, professor na Escola Superior de Música de Lisboa e violista solista da Camerata Atlântica. É especialista em Música pelo Instituto Politécnico de Lisboa. Lecionou *masterclasses* em Steinen (Alemanha), na Universidade de Gotemburgo (Suécia) e no Conservatório Prince Claus, em Groningen (Holanda).



© BRUNO SIMÃO

Antonio Pirolli

*Direção musical e Maestro titular
da Orquestra Sinfônica Portuguesa*

Natural de Roma, licenciou-se em piano, composição, música coral e direção de orquestra na Academia de Santa Cecília. Aperfeiçoou-se com Zoltán Peskó, Vladimir Delman e Rudolf Barshai, tendo conseguido o 3.º prémio no Concurso Arturo Toscanini de Parma. De 1995 a 2001, foi diretor musical no Teatro de Ópera de Ancara, ocupando, de 2001 a 2005, o mesmo cargo na Ópera Estatal de Istambul. Dos compromissos passados e mais recentes, destacam-se: *Lucia di Lammermoor* em Buenos Aires e Bari; *La Gioconda* em Santander; *Andrea Chénier* em Berlim e na Catânia; *Macbeth* em Lisboa; *Aida* em Copenhaga e Caracalla; *Il trovatore*, *Anna Bolena* e *Ernani* na Catânia; *Tosca* em Florença e Bari; *Turandot* em Copenhaga, Verona e Catânia; *Aroldo* em Bilbao; *Il barbiere di Siviglia* em Tóquio, Valência e Verona; *Carmen* em Copenhaga e Avenches; *Faust* em Tóquio e Santander; *Un ballo in maschera* em Salerno e Lisboa; *Madama Butterfly* em Ancona; *Medea* no circuito As.Li.Co.; *Norma* em Trapani e Spalato; *Attila* em Lecce e Roma; *Otello* em Lisboa; *Manon Lescaut* em Torre del Lago; *Nabucco* em Caracalla e Lisboa; *Rigoletto* em Tóquio; *Falstaff* em Xangai; e *La forza del destino* em Lisboa. Atualmente, é maestro titular da Orquestra Sinfônica Portuguesa.



© BRUNO SIMÃO

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Criada em 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP) é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos e tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo uma programação regular de concertos e participações em festivais de música nacionais e internacionais. Colabora regularmente com a Rádio e Televisão de Portugal através da transmissão dos seus concertos e óperas pela Antena 2, designadamente a realização da tetralogia *O anel do Nibelungo*, transmitida na RTP2, e a participação em iniciativas da própria RTP, como o Prémio Pedro de Freitas Branco para Jovens Chefes de Orquestra, o Prémio Jovens Músicos-RDP e a Tribuna Internacional de Jovens Intérpretes. No âmbito das temporadas líricas e sinfónicas, a OSP tem-se apresentado sob a direção de notáveis maestros, como Rafael Frühbeck de Burgos, Alain Lombard, Nello Santi, Alberto Zedda, Harry Christophers, George Pehlivanian, Michel Plasson, Krzysztof Penderecki, Djansug Kakhidze, Milán Horvat, Jeffrey Tate e Iuri Ahronovitch, entre outros. A discografia da OSP conta com dois CD para a etiqueta Marco Polo, com as *Sinfonias n.ºs 1, 3, 5 e 6* de Joly Braga Santos, que gravou sob a direção do seu primeiro maestro titular, Álvaro Cassuto, e *Crossing borders* (obras de Wagner, Gershwin e Mendelssohn), sob a direção de Julia Jones, numa gravação ao vivo pela Antena 2. Em maio de 2022, foi lançado o CD editado pela Naxos com obras de Fernando Lopes-Graça, sob a direção de Bruno Borralhinho. No cargo de maestro titular, seguiram-se José Ramón Encinar (1999-2001), Zoltán Peskó (2001-2004) e Julia Jones (2008-2011); Donato Renzetti desempenhou funções de primeiro maestro convidado entre 2005 e 2007. Joana Carneiro foi maestrina titular de 2014 a 2021. Atualmente, a direção musical está a cargo de Antonio Pirulli, seu maestro titular. A Orquestra Sinfónica Portuguesa completou 30 anos de atividade em 2023.

Direção Artística

Pedro Amaral

Conselho de Administração do OPART, E.P.E.

Conceição Amaral *Presidente*

Rui Morais *Vogal*

Sofia Meneses *Vogal*

Bilheteira São Carlos na Boa Hora

Largo da Boa Hora, n.º 12

1200-289 Lisboa

+351 935 590 196

+351 213 253 045/6

reserva.bilhetes@saocarlos.pt

www.saocarlos.pt



Parceiros da Viagem de setembro a dezembro



SÃO
LUIZ
TEATRO MUNICIPAL



Parques de Sintra

opart
ORGANISMO
DE PRODUÇÃO
ARTÍSTICA, EPE

TNSC
TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS



SET-DEZ 2025

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA**
CULTURA, JUVENTUDE
E DESPORTO

idealista

 ANTENA 2

 **HORTO
DO CAMPO GRANDE**

São Carlos em andamento